

Romanceiro do Mulato Velho

I – Canção do Êxodo

Ele tinha o seu flete patrício, um branco que criou de potro
Não tinha nome nem serviço, era cria do bagual de outro.

Aquele taita, aquele pingo, que o pai cuidava lá no campo
Cavalo que encilhava só domingo... Não deu valor... depois deu tanto!...

Aquele flete... que bagual bonito! Pingo de estampa do rapaz –
Quem tem cavalo nunca anda solito. Quem tem amigos não fica pra trás.

Muda-se o tempo, o pingo envelhece, e o campo encolhe, e a geada mata
E a gente passa, e a vida destrata enquanto o tempo muda e decresce.

Mudou-se a lida! Vendeu-se a terra, e veio pra cidade o piá campeiro
Trocou a lida por menos dinheiro, guardou no peito o animal de guerra.

Ñãnquentru... o índio-saudade, perdeu cavalo no olho-de-boi
E o guri, é triste a verdade, perdeu o pingo e infeliz se foi.

II – Canção da Sina

Tem poucas coisa o pobre *gaucho* da cidade
e muitas quer, e muitas deve, e muitas vale,
e mesmo assim na sua quietude faz alarde
pois tem motivo dentro dele que se cale.

E não tem prata, mal tem pilcha e nem tem pingo,
não tem bochincho nem carreira no domingo,
mas tem cambicho nas melenas duma china
e tem gana do cheiro bom daquela clina.

Pobre hombre pobre na peleia cotidiana
Que traz no peito a velha sina campechana
de viver rude e delicado numa vila
campeando tempo sem ter na chuspa um só pila.

Novas senzalas, novas naves de invasores
novas cadenas e mangãos no seu lombo

vivendo fraco e sem vontade num biombo
lembrando o tempo das tropilhas dos amores.

Assim que vivem os gaudérios missioneiros
criado guaxos pero longe dos potreiros
sonhando a pampa e a mata velha de outra era
nas esperanças de uma nova primavera.

Mas que tristeza que é viver assim solito
no abandono do governo e das ajudas
só na esperança que vai rezando de um pito
as suas plegárias e as benditas rezas mudas.

Mas encurtando o relato do poeta guaxo
tem precisão que fale assim, meio por baixo,
é porque tenho que esconder nossa agonia
pois que já hoje baixam lei contra a alegria.

III – Canção de Funeral

Ele vinha... daquela vida de mouro, trazendo a estirpe do bagual selvagem
Desde o Ijuí pra o Uruguay, na margem, vinha solito o velho índio touro.

Ele vinha... golpeando um bueno amargo que o bisavô retinto lhe cevava
Por chimarrear c'ó índio que inventara a infusão e o gauchesco encargo.

Ele vinha... num zaino negro tapado, pisando estrelas o centauro guaxo
Lembrando o estágio rude de índio macho, adaga em punho, e lenço colorado.

Ele vinha... brabo mas abichornado, ali na pampa, o pala balanceando
Vinha na geada, suleando, suleando, pulando cerca, muro e alambrado.

Ele vinha... o jeitão de bugre sério, nas coxilhas de outro tempo, outra era
Vinha rememoriando a tapera e as marcelas a florear no cemitério.

Ele vinha... campeando ali, solito, um lugarejo, um pago, uma pensão
Onde acalmasse e estendesse o seu tirão e sesteasse o seu sono bendito.

Ele le vinha... buscando aquela vida inteira, uma verdade, uma beleza, um dia,
Em que o povoeiro finalmente iria ter o direito a um rancho e uma rancheira.

Ele vinha... todo em preto, o bagualão, numa quietude antiga e peleaguda
Sem levar nada que não fosse o coração que nem boçal e nem tirano nunca muda.

E ele se foi... pro pago santo, deixando a gente num choro gaudério
Correu na cara rude o triste pranto...
Pois quis ser livre esse Mulato Velho!